

Celso Furtado e Harold Innis: confluências em contextos distintos no debate sobre cultura, comunicação e economia política

Marcelo Rangel Lima

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6462-3432>

Verlane Aragão Santos

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Economia, São Cristóvão, SE, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7466-6265>

Resumo

Este artigo baseia-se em pesquisa exploratória sobre confluências nos trabalhos de Celso Furtado e Harold Innis. A partir de revisão bibliográfica, buscamos demonstrar como os autores pautaram sua produção sobre lógicas e consequências de relações entre países centrais e periféricos, investigaram aspectos históricos de estruturas econômicas, políticas e culturais nacionais, além de terem refletido sobre como a introdução de novas tecnologias em sistemas de produção afeta sistemas de valores simbólicos. Mesmo considerando particularidades dos períodos de produção e peculiaridades da formação dos países de origem dos autores, evidenciam-se semelhanças entre suas visões, contribuições para a economia política da comunicação e atuações em contextos acadêmicos e institucionais.

Palavras-chave

Celso Furtado; Harold Innis; Processos de dependência; Economia política; Comunicação e Cultura

1 Introdução

Na perspectiva de que referenciais teóricos podem ser explorados em percursos investigativos que estabeleçam diálogos entre autores e correntes de pensamento, partimos da análise sobre as relações entre cultura e desenvolvimento para apresentar pontos de convergência entre trajetórias, temas e teorias postuladas pelo canadense Harold Innis

(1894-1952) e pelo brasileiro Celso Furtado (1920-2004), a partir dos estudos que tais autores produziram sobre processos de dependência gerados através das relações entre cultura, comunicação e economia ao longo da história de suas nações de origem.

A construção deste artigo foi inspirada no método histórico-estrutural proposto por Furtado e que, conforme ressalta D'Oliveira (2020), viabilizou suas interpretações das condicionalidades de conjunturas compostas por sínteses de múltiplas determinações por meio de “[...] uma metodologia diacrônica, apta a apreender a constituição e densidade dos processos e procedimentos que convergem no sentido de manter ou alterar o status quo” (D’OLIVEIRA, 2020, p. 173). Deste modo, passaremos a realizar a apreciação e cotejamento destes dois pensadores, considerando suas ideias e análises inseridas nos contextos econômicos, políticos e culturais particulares em relação direta com as dinâmicas sociais em nível mundial, fazendo interseccionar as trajetórias dos países de origem e suas relações com os processos de avanço do capitalismo mundialmente e as interpretações formuladas.

Deste modo, é indispensável diferenciarmos os contextos históricos e geopolíticos em que tais autores produziram suas reflexões e teses. Innis nasceu no meio rural canadense, em uma localidade denominada Otterville, situada a cerca de 150 quilômetros daquela que é a capital da província de Ontário e um dos maiores centros urbanos do Canadá, a cidade de Toronto, cuja principal universidade deu origem à chamada Escola de Toronto. Furtado nasceu em 1920, em Pombal, no sertão do estado da Paraíba, a mais de 350 quilômetros da capital de um estado que faz parte de uma região considerada periférica no Brasil, o Nordeste. Considerado um dos fundadores da economia política brasileira, Furtado teve papel de destaque no estabelecimento da corrente latino-americana do pensamento estruturalista.

A formação autodidata em contextos de difícil acesso ao conhecimento foi marcante na infância de ambos, mais tarde complementada com estudos superiores em Direito que abriram caminho para que se dedicassem ao entendimento da formação econômica de seus países. No aspecto biográfico, a guerra é outro elemento comum. Innis alistou-se na I Guerra Mundial e foi ferido na França; Furtado foi convocado para a II Grande Guerra e ferido na Itália.

No âmbito da vida acadêmica, o primeiro é considerado um dos pilares do pensamento canadense, com mais de uma dezena de livros publicados, mas com raras traduções para outras línguas – no Brasil, a tradução de *The bias of communication*, como *O Viés da Comunicação*, foi lançada pela Editora Vozes em 2011. De acordo com Gaëtan

Tremblay (2003), apenas o ensaio *L'oiseau de Minerve*¹ foi publicado em francês, em 1983. É possível que desde então tenha havido outras traduções, mas se considerarmos que a tradução de Luiz Martino para o português data de 2011, cabe ressaltar que “[...] a inexistência de uma tradução francesa dos livros de Innis é, provavelmente, em grande parte responsável pela sua fraca notoriedade fora do mundo anglo-saxão” (TREMBLAY, 2003, p. 16-17). No entanto, Innis teve uma profícua e respeitada produção acadêmica, fundamentada nas particularidades da formação econômica canadense. Suas pesquisas voltaram-se para os ciclos de exploração, produção e exportação de recursos naturais, produtos agrícolas e matérias primas, como peles, bacalhau, pinho branco, mineração, grãos, pasta de celulose, bem como as estruturas de transporte relacionadas a estes insumos.

No contexto da abordagem de processos e ciclos econômicos, Celso Furtado tornou-se referência inicialmente também graças ao estudo dos períodos relacionados à exploração, produção e exportação de recursos naturais, produtos agrícolas e matérias primas como café, cana de açúcar, ouro e borracha, cujo maior expoente é *Formação Econômica do Brasil*, publicado originalmente em 1959. Mais tarde, voltou seu olhar para problematizações sobre a industrialização no Brasil e também é considerado uma referência no pensamento acadêmico brasileiro, com mais de 30 livros, inúmeros ensaios e artigos. Suas obras foram traduzidas para 15 idiomas – neste ponto, há um contraste com a obra de Innis, cujas traduções são raras, conforme apontado acima.

A militância acadêmica e político-institucional também é traço característico da biografia de ambos; em frentes distintas, porém também similares. Furtado foi convidado a contribuir no trabalho de organizações dedicadas a refletir, propor e monitorar políticas públicas entre as décadas de 1950 e 1990, a exemplo da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), criada pelo Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Innis teve papel destacado em estudos desenvolvidos pelas chamadas Comissões Reais (*Royal Comissions*), formadas por especialistas em torno de assuntos de interesse público do Canadá, ao longo das décadas de 1930 a 1950. Neste período, destaca-se sua participação na Comissão Massey, centrada no universo artístico e educacional, na Comissão pela economia da Nova Escócia, em 1934, na

¹ Trata-se de *O Olho de Minerva*, primeiro capítulo de *O Viés da Comunicação*, em tradução de Roger de la Garde e Line Ross para a língua francesa.

Comissão pela educação de adultos de Manitoba, em 1947, e na Comissão Federal sobre os transportes, em 1951 (MORAES, 2017c).

As semelhanças nas teorias e abordagens de Furtado e Innis – ainda que produzidas em diferentes contextos históricos e geopolíticos – serão consideradas aqui a partir de dois eixos norteadores: (1) as relações centro-periferia e os processos de dependência gerados a partir de tais relações e dos contextos históricos, econômicos e sociais nacionais analisados em suas obras; e (2) o modo como a introdução de novas tecnologias em sistemas de produção afetam sistemas de valores simbólicos.

O texto, além desta Introdução e das Considerações Finais, está dividido em duas seções. Na primeira, contextualizamos autores e suas realidades nacionais, apontamos as peculiaridades na conformação da perspectiva estruturalista nos dois polos de produção de pensamento e indicamos características dos quadros de dependência centro-periférica de Brasil e Canadá. Na seção seguinte, identificamos as injunções e contradições relativas aos processos sociais, na relação cultura, comunicação e economia, observando o papel de Furtado e Innis para o pensamento crítico em direção ao subcampo da economia política da comunicação e da cultura.

2 Estruturalismos e dependências distintas

Além de realizarem estudos críticos e formularem hipóteses acerca de estruturas produtivas, os autores desenvolveram olhares apurados sobre as relações entre países centrais e periféricos a partir das especificidades históricas e contextos culturais do Brasil e do Canadá, constituindo perspectivas teórico-epistemológicas singulares. Resguardadas as particularidades das formações de seus países de origem, especificidades que pautaram sua produção acadêmica, Furtado e Innis discutiram sobre lógicas e consequências das relações centro-periferia.

As dialéticas das temáticas “centro-periferia” e “margem-fronteira” são temas recorrentes na tradição intelectual canadense, da qual Innis é considerado um cânone. Como defende Moraes (2017c, p. 19), tais aspectos representam “[...] um estruturalismo distinto do latino-americano”. Todavia, o interesse deste autor sobre a cultura surge a partir de estudos sobre mercados e estruturas histórico-sociais a eles relacionadas, bem como sobre o papel dos sistemas de transportes em relação a tais elementos (COMOR, 2001). De modo semelhante a Innis, que escrutinou os processos socioeconômicos da exploração mercantil e

da ocupação do solo canadense pelos domínios coloniais francês e inglês, Furtado analisou as especificidades históricas e culturais brasileiras a partir de “[...] um projeto ambicioso de expansão mercantil a partir de Portugal [...]” (BRANDÃO, 2013, p. 240), sob as bases de ampliação do domínio geográfico da civilização europeia.

Há em Furtado, assim como em Innis, a busca da construção de referenciais teóricos próprios, a partir de especificidades nacionais que possam estabelecer ações para descentralização de decisões e construção de políticas próprias para a superação da dependência – tanto no sentido cultural, visto como eixo central, quanto no econômico. Ambos ressaltaram a relevância de contextos históricos, institucionais e territoriais que geram decisões mais ou menos transformadoras do ambiente em que as populações estão inseridas. Celso Furtado e Harold Innis valeram-se de análises conjunturais específicas de seus países, geradas a partir de estudos sobre as formações das sociedades, para problematizar as relações entre colônias e metrópoles, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, centro e periferia, em quadros sociais, econômicos, políticos e culturais.

A obra inicial de Harold Innis situa-se na História Econômica e na Economia Política, em análises dos processos de exploração, produção e importação de recursos naturais, produtos agrícolas e matérias primas, denominadas *staples* – como peles, bacalhau, pinho branco, mineração, grãos, pasta de celulose, em trabalhos como *The fur trade in Canada: an introduction to Canadian Economic history*, de 1930, e *Cod fisheries: the history of an international economy*, de 1940. Sua atenção também se volta para o papel dos transportes nesse contexto, particularmente em *The history of Canadian Pacific Railway*, de 1923, que foi sua tese de doutoramento pela Universidade de Chicago, em 1920. Trata-se de pesquisa sobre uma das duas ferrovias transcontinentais do Canadá, que promove o avanço do centro econômico do país rumo a suas margens (*hinterlanden*) e um choque de culturas situado na lógica centro-periferia de dominação do espaço planetário. Conforme aponta Andrew Wernick (1986) sobre o pensamento innisiano, as relações com centros industrializados e as diferentes combinações entre *staple*² e transporte moldaram, no Canadá, as relações entre os povos, a ocupação do solo e a utilização dos recursos naturais. Simultaneamente, implicaram em padrões de habitação, comércio e relações de poder:

A fase relacionada à economia política na pesquisa de Innis foi guiada pela percepção de que o desenvolvimento episódico e desequilibrado do Canadá

² *Staple* “[...] poderia ser traduzido (não sem substancial perda semântica) como produto básico, produto primário ou produto de exportação” (MORAES, 2017e, p. 15).

deriva-se de sua relação marginal com centros industrializados (primeiro, a Inglaterra e depois, os Estados Unidos), a quem o Canadá havia servido como fornecedor de uma sucessão de insumos básicos e matérias-primas. O que chamou sua atenção foi tanto a relativa turbulência econômica que este arranjo produziu quanto a associação de diferentes indústrias de produtos básicos com diferentes sistemas de transporte, em que cada uma delas é de maior capital intensivo do que a que lhe antecedeu, e cada uma delas produziu efeitos profundos na caracterização da vida social como um todo. (WERNICK, 1986, p. 139, tradução nossa)³.

Furtado perseguiu respostas para o desenvolvimento em economias periféricas e enxergou na América Latina uma dependência tecnológica vinculada a componentes culturais. Uma dependência marcada por uma industrialização dominada por grupos transnacionais, que transplantaram estruturas produtivas e tecnologias do centro para a periferia sem gerar mecanismos de apropriação e reinvenção de tecnologias a partir dos contextos socioculturais em que foram implantadas. Entre as contribuições de Furtado para o estruturalismo latino-americano, Rodríguez (2009) assinala que seu olhar sobre tais mudanças coloca a tecnologia como um dos instrumentos de geração de excedente e acumulação de capital para garantir a continuidade da expansão produtiva. Esta lógica vale-se do progresso técnico para garantir sua sustentação e envolve uma racionalidade econômica como forma de racionalidade instrumental, que permeia os âmbitos da ação humana e suas normas de conduta, e está presente também no âmbito cultural, em atividades científicas e artísticas.

As indagações de Furtado sobre a instalação da civilização industrial, e a consequente subordinação da sociedade à lógica da acumulação do capital e à racionalidade instrumental de um modo que estaria mediocrizando a sabedoria e danificando a criatividade humana (FURTADO, 2008), nos remetem à maneira como Innis demonstra que o surgimento e o domínio de diferentes tecnologias foram erguendo impérios e provocando seus declínios. Sobre o tema, o canadense destaca que

[...] as constantes mudanças na tecnologia, especialmente aquelas que afetam a comunicação, fator crucial na determinação de valores culturais (por exemplo, o desenvolvimento do rádio e da televisão), aumentam as

³ No original: *"The political economy phase of Innis's enquiry was guided by the insight that Canada's episodic and unbalanced development derived from its marginal relation to industrialising centres (first England and then the United States) for whom Canada had served as the provider of a succession of staple inputs. What caught his attention was both the relative economic turbulence which this arrangement produced, and the association of different staple industries with different transportation systems, each more capital intensive than the last, and each having a profound effect on the character of social life as a whole."* (WERNICK, 1986, p. 139).

dificuldades de reconhecer o equilíbrio e mais ainda de conseguir alcançá-lo. (INNIS, 2011, p. 223).

Ao analisar técnicas, materiais e métodos de controle e comunicação no fortalecimento e queda de diferentes civilizações ao longo dos séculos, Innis chega a postular que “[...] cada civilização tem seus próprios métodos de suicídio” (INNIS, 2011, p. 225), numa perspectiva pessimista da racionalidade instrumental. Trata-se de uma visão semelhante a de Furtado, que é evidenciada, por ambos, através de Nietzsche. Innis recorre à ideia de que “[...] em longo prazo, a utilidade, como qualquer coisa, é simplesmente uma invenção de nossa imaginação e até pode ser a estupidez fatal pela qual um dia poderemos perecer” (NIETZSCHE, 1923⁴ *apud* INNIS, 2011, p. 163). De forma similar, Furtado ressalta a preocupação de Nietzsche “[...] com os valores, a ansiedade com a *redefinição* dos valores, a identificação dos fins” (FURTADO, 2008, p. 202, grifo do autor) e demonstra que “[...] nossa civilização, ao subordinar os fins aos meios, avança aceleradamente para um despenhadeiro” (FURTADO, 2008, p. 203).

A racionalidade instrumental, na visão de Furtado, estende-se à percepção que o homem tem de si mesmo, uma visão marcada por valores materiais criados pela própria civilização industrial, que se transmuta em necessidades ampliadas de consumo estabelecidas pela hierarquização social. O consumo imitativo das periferias, ditado pelos padrões dos grandes centros, se estende a diferentes planos de cultura – e meios de comunicação, acrescentamos –, como se ao adotarem tais padrões, elevam-se processos civilizatórios e prestígio social como consequência. A dependência cultural é exposta a partir do entendimento dos processos de assimilação de ideias e valores dos grandes centros, atrofiando os sistemas culturais das periferias através da incorporação neutra, impedindo sistemas culturais periféricos de consolidarem-se e expandirem-se, desarticulando as identidades culturais dos países periféricos e impedindo que estas se enriqueçam, de fato, e assim encontrem seus próprios fins de desenvolvimento, numa reelaboração coletiva dos fins últimos de seu desenvolvimento (RODRÍGUEZ, 2009).

José Luchesi Moraes considera que “[...] as contribuições de Innis inscrevem-se num esforço intelectual, mas também político, de superação da condição primário-exportadora, marginal e, nesse sentido, dependente, do Canadá, em prol de um projeto nacional” (MORAES, 2017a, p. 19). Do mesmo modo, Furtado entende que o quadro societal brasileiro, fundado a

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. **The Birth of Tragedy**. Edimburgo, 1923. *Apud* Innis (2011).

partir de uma economia primário-exportadora de base escravista e seguido por uma industrialização tardia, gerou um “[...] desenvolvimento imitativo que reforçou tendências atávicas de nossa sociedade ao elitismo e à opressão social” (FURTADO, 2012, p. 30). Isto perpetrou um contexto de dependência financeira e tecnológica que, pela via do autoritarismo da ditadura militar, aprofundou “[...] tendências antissociais do desenvolvimento mimético” (FURTADO, 2012, p. 31).

Com base neste raciocínio, Furtado trabalha intelectualmente e politicamente - de forma direta, se consideramos suas passagens pelo poder executivo como formulador de políticas de desenvolvimento e criador da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) - para “[...] que se crie no Brasil uma política autônoma, um mercado interno que supere o externo e uma literatura consolidada. Em suma, que se forme definitivamente uma nação no Brasil” (RICUPERO, 2005, p. 373). Neste sentido, cabe o uso da diferenciação entre “[...] colônia de povoamento, que prevaleceria na região temperada do continente americano, e colônias de exploração, dominantes na região tropical” (RICUPERO, 2005, p. 374), bem como a relação de proximidade do Canadá com os EUA (margem-fronteira), de modo a resguardar as particularidades do desenvolvimento nos dois países. Ainda que os autores destaquem relações semelhantes de instalação de capitais transnacionais nos processos de industrialização, haveria de nossa parte simplificação excessiva em uma comparação que desconsiderasse as particularidades das estruturas sociais e produtivas específicas.

A contribuição seminal de Harold Innis e seu olhar sobre o desenvolvimento socioeconômico distorcido do Canadá se conecta com o pensamento pós-innisiano, surgido a partir dos anos 1960, através de pesquisadores de diferentes campos do pensamento acadêmico canadense na economia política, na história e na teoria da comunicação (WERNICK, 1986). Neste mesmo sentido, Cândido Mendes reverencia Furtado e expande o alcance de sua contribuição:

Devemos a Celso também a insistência em dar à consciência de latinidade um denominador que nos situe em dimensões supracontinentais, dentro do nosso sentir de Ocidente. O que defendeu e previu como nossa posição relativamente excrescente do universo das globalizações, pela nossa economia de mercado interno no Continente, continua ou mesmo se antecipa pela consciência do caráter expropriatório com que a visão de mundo hegemônica se apossa dos inconscientes coletivos à sua volta. (MENDES, 2005, p. 19).

Já as reflexões lançadas por Innis nos anos 1920 foram aprofundadas por outros pensadores canadenses e geraram a classificação de Collins para a teoria da dependência canadense:

- i) Primária (Colonial): A primeira, de viés essencialmente econômico (ou economicista), deriva da Teoria dos Produtos Básicos (*'Staples'*) de Innis. A problemática de fundo aqui é a superação da situação primário-exportadora, bem como a transição nacional-desenvolvimentista rumo ao desenvolvimento (industrial).
- ii) Secundária (Industrial): Uma vez consolidada a sociedade urbano-industrial, o pensamento dependentista nacional migra para outro tópico: a distribuição internacional do valor agregado ao longo das cadeias produtivas. A indústria canadense – embora materialmente desenvolvida – passa a ser retratada como uma espécie de “sucursal” norte-americana. Nessa segunda chave, a dependência passa a ser entendida como a retenção dos ganhos de P&D, a concentração de registros de patentes, propriedades intelectuais etc. (ou, em outras palavras, a parcela mais avultada do valor agregado da produção industrial) nas matrizes da nova metrópole (os EUA).
- iii) Terciária (Cultural/Comunicacional): Por fim, a terceira formulação dependentista (exemplificada na proposta de autores como Herbert Schiller ou Dallas Smythe) partiria de uma premissa conceitual cultural/comunicacional, enxergando o controle dos sistemas de comunicação como variável-chave da soberania nacional. Por oposição, a dependência figuraria como a alienação deste setor-chave a grupos estrangeiros. (COLLINS, 1986⁵ *apud* MORAES, 2017a, p. 20).

O percurso analítico originalmente desenvolvido por Innis e Furtado e seus desdobramentos indicam elementos de convergência e, ao mesmo tempo, apontam para particularidades de estruturas econômicas e culturais próprias de Canadá e Brasil. Nas contradições entre as lógicas de produção material e simbólica de dominação – que devemos ainda ressaltar - e as dinâmicas inerentes às culturas locais, especificamente dos estratos populares, residem aspectos também apontados por nossos pensadores, em especial Furtado.

3 O desenvolvimento na periferia e a economia política da comunicação

A compreensão do desenvolvimento e do subdesenvolvimento articulada à análise das estruturas – incluindo as estruturas de comunicação e as dinâmicas culturais – é traço marcante do pensamento innisiano e da lógica furtadiana. Carlos Brandão (2013, p. 236) destaca que a base teórico-metodológica de Furtado articula “[...] o processo de desenvolvimento/subdesenvolvimento com os conceitos de dependência, cultura e

⁵ COLLINS, Richard. The metaphor of Dependency and Canadian Communications: the legacy of Harold Innis. **Canadian Journal of Communication**, Vancouver, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan., 1986. *Apud* MORAES (2017a).

criatividade” e aponta a ênfase em:

[...] estratégias de desenvolvimento que acionem/mobilizem a riqueza cultural presente na diversidade brasileira e legitimem renovado padrão civilizatório, que logre forjar novo patamar de homogeneidade social e se traduza em enriquecimento cultural, em apropriação dos avanços tecnológicos e na legitimação de estratégias que busquem romper com os impasses do subdesenvolvimento. (BRANDÃO, 2013, p. 236).

Encontramos em Furtado olhar semelhante ao de Innis sobre as perspectivas civilizatórias que, ao longo da história, impactaram “[...] decisões de como alocar (intertemporalmente, interespacialmente, intersetorialmente etc.) ativos, recursos, capacitações, produtivamente ou não [...]” (BRANDÃO, 2013, p. 236) e assim produziram avanços tecnológicos e estratégias de dominação. Além disso, desenvolvimento em contextos periféricos, interações centro-periferia e a menção ao conceito de dependência situam-se como pontos de contato da tradição marxista em Innis e Furtado. A interpretação econômica da história canadense fundada por Innis e estabelecida como “[...] paradigma político-econômico dominante da historiografia canadense” (MORAES, 2017e, p. 14),

[...] propõe uma leitura sobre a dinâmica de crescimento em zonas periféricas do globo. De acordo com Innis, os consecutivos ciclos de expansão de uma dada *Staple* em uma dada região não podem ser entendidos unicamente em sua acepção quantitativa: a produção/extração/cultivo de um dado produto engendraria toda uma ecologia sociocultural. Amplamente vinculado a imperativos naturais e geográficos, o ‘habitat tecnológico’ de cada um desses produtos teria natureza estruturante, isto é, seria responsável pela formação e solidificação de ‘organizações sociais e instituições políticas próprias’. (MCNALLY, 1981⁶ *apud* MORAES, 2017e, p. 15).

Conforme frisa Rodríguez (2009, p. 418), há no pensamento furtadiano uma “[...] arraigada negação de toda forma de determinismo”, no entendimento de que “[...] a evolução de toda sociedade depende crucialmente de percepções e decisões conscientes de certos atores sociais chave, assim como da determinação e pertinácia com que encaram sua ação” (RODRÍGUEZ, 2009, p. 418), o que permite qualificar sua apreensão da importância da dominação tecnológica em sua noção de civilização industrial, profundamente relacionada à

⁶ MCNALLY, David. Staples theory as commodity fetishism: Marx, Innis and Canadian Political Economy. *Studies in Political Economy*, v. 6, n.1, p. 35-63, Autumn, 1981. *Apud* MORAES (2017e).

leitura marxista do autor sobre a dinâmica de acumulação de capital e suas lógicas de subsunção, na qual:

[...] o controle da terra e dos homens tende a ceder lugar ao controle das técnicas, que asseguram eficiência na organização da produção, como base de estrutura de poder. Os fundamentos da legitimidade do sistema de dominação social se modificam, como observaram Marx e depois Marcuse. Mas o que interessa frisar é que a racionalidade instrumental instala-se no cerne da prática social. (FURTADO, 2008, p. 199).

Tal predomínio da racionalidade instrumental na civilização industrial pode ser associado ao temor de Innis, indicado por Edward Comor (2001), de que “[...] as condições de liberdade de pensamento estão em perigo de serem destruídas pela ciência, tecnologia e a mecanização do conhecimento, e com elas, a civilização ocidental”⁷ (INNIS, 1982⁸ *apud* COMOR, 2001, p. 281), pois a civilização industrial que emergiu na América Latina de Furtado estava fundamentada nas interações entre cultura, criatividade e tecnologia, gerada por uma industrialização tardia que se constituiu em um acesso à civilização industrial específico das periferias, situado na lógica marcada pela dependência.

Innis é considerado um dos pais da economia política canadense e, segundo Moraes (2017c, p. 18), em sua teoria do desenvolvimento “[...] flerta com (certo nível) de intervencionismo público”. Norteadado pelo pensamento cepalino que ajudou a fundar com o economista argentino Raul Prebisch, Furtado também defendeu ações intervencionistas estatais na economia, de modo a estabelecer um “fator volitivo” (FURTADO, 2008, p. 37) a partir da vontade política do agente público em conceber formas de ação que desfragilizem economias atingidas por interesses transnacionais (FURTADO, 2008).

Moraes (2017b) associa Innis à Economia Política da Comunicação e da Cultura (EPC) canadense, que trata a dependência não apenas como um tema, mas também “[...] uma espécie de princípio estruturante, um enquadramento epistemológico que simultaneamente condiciona, potencializa e, de certo modo, define os contornos da EPC canadense” (MORAES, 2017b, p. 15). Do mesmo modo, o debate proposto por Bolaño (2011) incorpora a compreensão histórica da dependência brasileira e latino-americana de Furtado às contribuições da EPC, quando indica que:

⁷ No original: “[...] *the conditions of freedom of thought are in danger of being destroyed by science, technology and the mechanization of knowledge, and with them, western civilization.*”.

⁸ INNIS, Harold. **The Bias of Communication**. Toronto: University of Toronto Press, 1982. *Apud* Comor (2001).

[...] o caráter imitativo do nosso desenvolvimento, a incorporação do progresso técnico via consumo das elites, sem modificar os processos produtivos internos visando satisfazer as necessidades das grandes massas da população nacional, marcarão o desenvolvimento latino-americano e brasileiro. Este é o sentido do conceito de dependência cultural em Furtado. Trata-se de uma relação de subordinação que, uma vez instalada, tende a perpetuar-se porque está inscrita na tecnologia e no conjunto dos processos econômicos e sociais, nos estilos de vida e padrões de cultura impostos pelas necessidades, agora sim, dos processos de acumulação de capital e de dominação. A hegemonia se define, assim, essencialmente no plano da cultura e dos valores, embora o sentido último de todo o processo seja a acumulação e a reprodução das relações de poder econômico e político. (BOLAÑO, 2011, p. 11).

Neste mesmo sentido, Bolaño (2013) sustenta que, mesmo sem voltar seus estudos para uma economia política da comunicação, a visão furtadiana sobre a “[...] concentração oligopolista dos instrumentos de produção e distribuição de bens culturais é inequívoca” (BOLAÑO, 2013, p. 323). Relaciona-se, portanto, a este subcampo da comunicação, tornando-se cada vez mais pertinente diante da “[...] constituição de um poderoso *star system* e de formas avançadas de cooptação de setores da cultura popular” (BOLAÑO, 2013, p. 323).

Ao suceder a Darcy Ribeiro na cadeira 11 da Academia Brasileira de Letras, em 1997, Celso Furtado enfatizou que compreendia que toda questão econômica é também humana, ou seja, histórica, social e cultural. Esta perspectiva permeia toda a sua obra, considerada como fundamental para o entendimento ampliado da realidade brasileira e latino-americana. Um dos primeiros estudiosos a investigar o vínculo entre o desenvolvimento econômico e as expressões culturais, Furtado partiu de reflexões sobre cultura e história para consolidar e aprimorar sua teoria econômica. Por isso, também é considerado um dos fundadores da economia política brasileira, pois:

[...] a contribuição de Furtado para a compreensão da questão cultural é fruto de uma preocupação antiga e de sólidos conhecimentos em antropologia e nas ciências sociais em geral, desde as primeiras leituras de Gilberto Freyre, ainda na adolescência, de quem aprendeu – como diria a certa altura, na obra autobiográfica – o método, não o conteúdo. (BOLAÑO, 2013, p. 322).

Para Furtado, “[...] a dependência é, em primeiro lugar, cultural, construída ao longo do processo de difusão da civilização industrial, que gera, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento.” (BOLAÑO, 2013, p. 323). O autor defendia uma

noção de cultura não totalizante, e sim fruto de uma criatividade que se alimenta das identidades culturais dos povos e os impulsiona para o desenvolvimento.

Já a mudança no campo de interesses de Innis para o estudo das mídias foi acionada pela constatação de que o Canadá “[...] exportava papel e celulose e importa livros [...]” (BUXTON; ACLAND, 1999⁹ *apud* MORAES, 2017a, p. 19). Deste modo, entendemos que quando percebe que a dimensão cultural era determinante no processo de dependência, constata o quão determinante eram as mudanças nos padrões de consumo para o estabelecimento de uma dependência cultural materializada na supremacia do centro sobre as margens (ou periferias), em sintonia com os postulados de Furtado. Cabe destacar que o brasileiro vai concentrando seu olhar de forma mais apurada nas políticas culturais e no papel da autonomia cultural no desenvolvimento, tanto nas diretrizes estabelecidas em sua gestão como Ministro da Cultura (1986-1988) como nas reflexões em que destacou o papel da cultura no desenvolvimento no âmbito da Comissão de Cultura e Desenvolvimento da Unesco (1992-1995).

Ao traçar um histórico das relações entre hegemonia, capital e cultura a partir do pensamento furtadiano, em *Campo Aberto para a crítica da epistemologia da comunicação*, César Bolaño (2015) ressalta a necessidade de retomada do pensamento crítico e a preocupação com o desenvolvimento socialmente justo, detalhando as bases das relações umbilicais entre os sistemas de comunicação, a produção cultural e o desenvolvimento formulado por Furtado. Para o autor, a subsunção do trabalho cultural é questão central, pois a Indústria Cultural alimenta-se do capital cultural, através da subsunção da cultura popular na economia, devido à transformação de seus elementos em bens de produção cultural nos mercados de consumo do capitalismo monopolista. É deste modo que se trava o diálogo entre a Indústria Cultural e as culturas populares que dinamizam o conjunto dos bens simbólicos de mercado para reprodução e manutenção da hegemonia.

Bolaño (2015) destaca que novos estilos de vida incitam atividades artísticas, científicas, reflexão filosófica e produção simbólica em uma construção de modernidade, enquanto a modernização de padrões de consumo copia modelos e fortalece uma hegemonia cultural, como pode-se observar nas atuais indústrias de consciência e de consensos que se tornaram os meios de comunicação de massa. O autor sustenta que este quadro se constitui em nível global e envolve a produção científica e intelectual, em meios e processos digitais,

⁹ BUXTON, William J.; ACLAND, Charles R. (ed.), **Harold Innis in the New Century**: Reflections and Refractions. Montreal e Kingston: McGill-Queen’s University Press, 1999. *Apud* Moraes (2017a).

com fácil circulação de conhecimento, impactos na economia, na cultura e na sociedade como um todo. Neste ponto, acentua-se então o papel fundamental das políticas culturais e de comunicação na luta contra a dependência econômica e cultural.

Há uma “dimensão holística” na obra de Innis, identificada por Moraes (2017d, p. 20), do mesmo modo que Bosi (2008, p. 9) aponta uma “visão holística” em Furtado já no título do prefácio da edição de *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Moraes vale-se de Liam Young para indicar tal dimensão, salientando que para este último:

[...] os limites disciplinares foram tão desimportantes quanto foram as artificiosas distinções entre natureza e cultura, tecnologia e meio ambiente, ciência e humanidades e mesmo entre humano e não-humano. O alcance de seu pensamento convida à análise de problemas além do aqui e do agora. Sua famosa crítica do viés ‘presenteísta’ [no original, ‘present-mindedness’] da cultura ocidental tem raízes em seu diagnóstico de uma patologia da Economia Política [‘convencional’] [...] em sua preferência à abstração de variáveis como preços, mercados e propriedade. (YOUNG, 2017¹⁰ *apud* MORAES, 2017d, p. 20).

De forma semelhante, Bosi (2008, p. 30) enxerga no pensamento de Furtado um diálogo “[...] com diversas correntes filosóficas, estéticas e políticas, tendo por fio condutor um só valor, a criação de uma sociedade em que as potencialidades do indivíduo e do seu grupo se atualizem livremente”. Ciente de um quadro de determinações econômicas, Furtado preocupa-se, em 1978¹¹, com as formas próprias de suicídio das civilizações, como nos alerta Innis em 1951¹², aspirando “[...] que a atual submissão dos fins do ser humano aos meios seja revertida em prol de uma transmutação dos valores que regem a barbárie do consumismo de massas e a insensibilidade dos detentores do capital internacional.” (BOSI, 2008, p. 30).

Os pontos de confluência dos postulados de Furtado e Innis a respeito das relações entre cultura, comunicação e economia alargam possibilidades acerca de temas e problemas de investigação relevantes na contemporaneidade, apresentados a seguir a título de conclusão.

¹⁰ YOUNG, Liam Cole. Innis’s infrastructure: dirt, beavers, and documents in material media theory. **Cultural Politics**, Durhan, v. 13, n. 2, p. 227-249, July, 2017. *Apud* Moraes (2017).

¹¹ Ano de publicação da primeira edição de *Criatividade e dependência na civilização industrial*.

¹² Ano de publicação da edição original de *O viés da comunicação*.

4 Considerações finais

Celso Furtado e Harold Innis valeram-se de análises conjunturais específicas de suas regiões de origem, geradas a partir do estudo das formações de sociedades, para problematizar as relações entre colônias e metrópoles, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, centro e periferia, a partir de quadros sociais, econômicos, políticos e culturais. A busca de ambos por referenciais teóricos alinhados às especificidades nacionais visava superar a dependência gerada por condições primário-exportadoras de Brasil e Canadá, marcadamente influenciadas por vetores tecnológicos conformadores de processos de assimilação de ideias e valores culturais. Ambos também relacionaram processos de desenvolvimento e subdesenvolvimento em contextos periféricos a noções de dependência e cultura, propondo leituras paradigmáticas sobre dinâmicas de crescimento associadas a ciclos de exploração de natureza estruturante, capazes de formar e cristalizar estruturas sociais, políticas e culturais.

O centenário de nascimento de Celso Furtado, em 2020, provocou uma série de publicações que evidenciam a atualidade de sua obra. O conjunto de questões relacionadas à cultura e à comunicação mereceu destaque na coletânea publicada pela Associação Brasileira de Economistas pela Democracia (ABED). Ainda que não tenha se dedicado de forma sistemática ao estudo das relações entre comunicação e cultura, Furtado posicionou-se “[...] de forma muito clara e realista em suas reflexões sobre a cultura nos anos 80” (QUINTELA; *et al.*, 2020, p. 16), discutindo cultura e criatividade em termos de potencialidades e capacidades que gerem valores substantivos para um desenvolvimento endógeno, cujos fins “[...] respondam às prioridades que cada sociedade estabeleça.” (RODRÍGUEZ, 2009, p. 436).

Embora não tenhamos encontrado estudos que tratassem de possíveis conexões teórico-epistemológicas entre os dois autores, propusemo-nos a traçar neste texto linhas gerais de aproximação que embasam também outras preocupações de Celso Furtado e Harold Innis, como o consumismo exacerbado, a expansão das tecnologias nucleares e a imperativa necessidade da consciência ecológica. As trajetórias e os contextos histórico-culturais e geopolíticos em que viveram e sobre os quais debruçaram suas pesquisas certamente influenciaram tais inquietações, por isso também foram mencionados neste trabalho.

Entretanto, ao observarmos as duas primeiras décadas do século XXI, levando-se em conta o modo como o acirramento das relações de dependência fortaleceu oligopólios, gerou novas formas de controle social e mercantilizou a vida social através das novas tecnologias de

informação e comunicação, parece-nos relevante aprofundar a problematização da dependência cultural. Indagações desta ordem podem nos conduzir à formulação de hipóteses que norteiem possíveis fins e meios para políticas culturais e de comunicação que propiciem autonomia cultural e ampliação de capacidades criativas e que gerem o desenvolvimento endógeno sugerido por Furtado, envolvendo relações e processos que inquietaram Innis e estimularam os estudos pós-innisianos no Canadá.

Entendemos que caberia empreender maior esforço para expor, nos dois autores, a presença do modelo conceitual marxista de interpretação social. Abre-se também um campo de possibilidades para estudos ampliados sobre noções de tecnologia, seu papel, penetrabilidade e imbricamento nas sociedades, de modo a perceber como a tecnologia articula a economia, a sociedade, a comunicação e a cultura nas perspectivas dos dois pensadores e como estas visões podem contribuir para analisar processos culturais e de comunicação na contemporaneidade. Neste sentido, caberia ainda aprofundar as discussões sobre processos de dependência produzidos a partir das interfaces entre cultura, comunicação e economia, bem como formular interpretações mais aprofundadas sobre as relações centro-periferia e análises de processos de desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Os aspectos levantados neste artigo podem ser apontados como pontos de partida para estudos mais profundos das questões delineadas, algo que exigiria um estudo mais denso das obras de Harold Innis e Celso Furtado, bem como de seus intérpretes – brasileiros, latino-americanos e canadenses. Uma perspectiva desafiadora nos parece ser aquela que apresente formulações não deterministas em torno da equação tecnologia-espaço-tempo innisiana na perspectiva do desenvolvimento furtadiano.

Referências

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Indústrias criativas e os conceitos de cultura, inovação e criatividade em Celso Furtado. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 3-14, 2011.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Sobre o depoimento. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 12, p. 322-324, jan.-jun. 2013.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Campo Aberto para a Crítica da Epistemologia da Comunicação**. Aracaju: Edise, 2015.

- BOSI, Alfredo. Prefácio: Celso Furtado rumo a uma visão holística. *In*: FURTADO, Celso. **Criatividade e Dependência na civilização industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9-31.
- BRANDÃO, Carlos. Celso Furtado: subdesenvolvimento, dependência, cultura e criatividade. *In*: AGUIAR, Rosa Freire (org.). **Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, Centro Internacional Celso Furtado, 2013. p. 235-254.
- COMOR, Edward. Harold Innis and 'The bias of communication'. **Information, Communication & Society**, London, v. 4, n. 2, p. 274-294, 2001.
- D'OLIVEIRA, Nelson Victor Le Coc. Celso Furtado: O método histórico, as coalizões de forças políticas e a longa duração da dependência no Brasil. *In*: QUINTELA, Adroaldo *et al.* **Celso Furtado: os combates de um economista**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular, 2020. p. 158-175.
- FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FURTADO, Celso. Que Somos? *In*: FURTADO, Rosa Freire d'Aguiar (org.). **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, Centro Internacional Celso Furtado, 2012. p. 29-41.
- INNIS, Harold Adams. **O viés da comunicação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MENDES, Candido. Celso Furtado: Fundação e Prospectiva do Desenvolvimento. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 7-20, 2005.
- MORAES, João Lucchesi. Tecnológicos por Definição: a Economia Política de Harold Innis e Dallas Smythe na Teoria da Comunicação Canadense. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, n. 439, p. 18-22, abr. 2017a.
- MORAES, João Lucchesi. Economia Política da Comunicação: Variações Canadenses. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, n. 440, p. 12-16, maio, 2017b.
- MORAES, João Lucchesi. A Margem e o Centro: H. Innis, W. A. Mackintosh e o Particularismo Canadense. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, n. 442, p. 17-19, jul., 2017c.
- MORAES, João Lucchesi. Ainda Harold Innis: Desenvolvimentismo Canadense e Teoria do Valor. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, n. 443, p. 20-23, ago. 2017d.
- MORAES, João Lucchesi. Harold Innis e Marxismo: Encontros e Desencontros. **Boletim Informações FIPE**, São Paulo, n. 445, p. 14-18, out. 2017e.
- QUINTELA, Adroaldo; *et al.* Apresentação. *In*: QUINTELA, Adroaldo; *et al.* **Celso Furtado: os combates de um economista**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Expressão Popular, p. 8-19, 2020.

RICUPERO, Bernardo. Celso Furtado e o pensamento social brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 371-377, abr., 2005.

RODRÍGUEZ, Octavio. **O estruturalismo latino-americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TREMBLAY, Gaëtan. De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, [v. 10], n. 22, p. 13-22, dez. 2003.

WERNICK, Andrew. The Post-Innisian significance of Innis. **Canadian Journal of Political and Social Theory/Revue canadienne de theorie politique et sociale**, Victoria, v. X, n. 1-2, p. 128-150, aug. 1986.

Celso Furtado and Harold Innis: confluences in different contexts in the debate on culture, communication and political economy

Abstract

This article is based on exploratory research on the confluence of the works of Celso Furtado and Harold Innis. Through bibliographical review, the authors quest for demonstrating how Innis and Furtado guided their academic production through logics and consequences of the relations between central and peripheral countries, investigating historical aspects of national economic, political and cultural structures and how the introduction of new technologies in production systems affects symbolic value systems. Even considering the particularities of the distinct time periods of their production and the peculiarities of their birth countries' formation, similarities between the visions of these thinkers are highlighted, specially their contribution to the political economy of communication, as well as their relevance in academic and institutional contexts.

Keywords

Celso Furtado; Harold Innis; Dependence processes; Political economy; Communication and Culture

Autoria para correspondência

Marcelo Rangel Lima
marcelorangela@gmail.com

Verlane Aragão Santos
velorca2010@gmail.com

Como citar

LIMA, Marcelo Rangel; SANTOS, Verlane Aragão. Celso Furtado e Harold Innis: confluências em contextos distintos no debate sobre cultura, comunicação e economia política. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-112619, 2022. DOI: <http://doi.org/10.19132/1807-8583202253.112619>

Recebido em 31/03/2021

Aceito em 14/02/2022

Copyright (c) 2022 Marcelo Rangel Lima, Verlane Aragão Santos. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

